


USO INDISCRIMINADO DE INSULINA NO EMAGRECIMENTO

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.780152404114>

Data de aceite: 05/11/2024

Grasiella Sampaio Silva de Jesus

Acadêmica do 10º período do Curso de Farmácia do Centro Universitário Unibras - Rio Verde

Maria Victoria Pereira Gomes

Acadêmica do 10º período do Curso de Farmácia do Centro Universitário Unibras - Rio Verde

Luciana Arantes Dantas

Professora Doutora do Curso de Farmácia do Centro Universitário Unibras - Rio Verde e orientadora do trabalho

RESUMO: O uso indiscriminado de insulina para fins de emagrecimento tem se tornado uma preocupação crescente, no campo da saúde pública, devido às sérias complicações metabólicas e aos riscos para órgãos vitais, como: fígado, rins e coração. A insulina, um hormônio essencial no controle da glicose sanguínea, quando utilizada sem supervisão médica, pode levar a hipoglicemia, resistência à insulina e doenças crônicas. O objetivo deste estudo foi investigar o papel do farmacêutico na prevenção do uso inadequado de insulina para emagrecimento, identificando os riscos associados e propondo estratégias

educacionais. A metodologia incluiu uma revisão de literatura realizada em bases de dados como PubMed, Google Acadêmico e Scopus. Os resultados mostraram que, além dos riscos de complicações graves, como hipoglicemia e danos a órgãos internos, o uso indiscriminado de insulina relaciona-se a padrões estéticos e à pressão social pelo corpo perfeito. A revisão destacou que a atuação dos farmacêuticos é essencial na educação da população sobre os perigos dessa prática, promovendo o uso racional de medicamentos e a adoção de hábitos saudáveis. O farmacêutico desempenha um papel fundamental na vigilância e prevenção de automedicação, garantindo a segurança dos pacientes, tanto na prevenção, quanto na conscientização sobre o uso inadequado de insulina.

PALAVRAS-CHAVE: Insulina, Emagrecimento, Uso Indiscriminado, Prática Farmacêutica, Complicações Metabólicas, Automedicação.

INDISCRIMINATE USE OF INSULIN IN WEIGHT LOSS

ABSTRACT: The indiscriminate use of insulin for weight loss purposes has become a growing concern in the field of public health, due to serious metabolic complications and risks to vital organs, such as: liver, kidneys and heart. Insulin, an essential hormone in controlling blood glucose, when used without medical supervision, can lead to hypoglycemia, insulin resistance and chronic diseases. The objective of this study was to investigate the role of the pharmacist in preventing the inappropriate use of insulin for weight loss, identifying the associated risks and proposing educational strategies. The methodology included a literature review carried out in databases such as PubMed, Google Scholar and Scopus. The results showed that, in addition to the risks of serious complications, such as hypoglycemia and damage to internal organs, the indiscriminate use of insulin is related to aesthetic standards and social pressure for the perfect body. The review highlighted that the role of pharmacists is essential in educating the population about the dangers of this practice, promoting the rational use of medicines and the adoption of healthy habits. The pharmacist plays a fundamental role in monitoring and preventing self-medication, ensuring patient safety, both in prevention and in raising awareness about the inappropriate use of insulin.

KEYWORDS: Insulin, Weight Loss, Indiscriminate Use, Pharmaceutical Practice, Metabolic Complications, Self-medication.

INTRODUÇÃO

O uso indiscriminado de insulina para emagrecimento representa um sério problema de saúde pública, com consequências potencialmente graves para os indivíduos que recorrem a essa prática. A insulina é um hormônio vital para o controle dos níveis de glicose no sangue, essencial para o metabolismo adequado dos carboidratos (MINISTÉRIO DA SAÚDE BRASÍLIA, 2015).

Quando utilizada sem supervisão médica e em doses inadequadas, pode levar a uma série de complicações metabólicas, incluindo hipoglicemia, uma condição caracterizada pela perigosa diminuição dos níveis de açúcar no sangue. (DIRETRIZES SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2020). O uso inadequado

de insulina para fins de emagrecimento também pode resultar em danos graves aos órgãos internos, como: o fígado, os rins e o coração (AURORA et al., 2019). A manipulação dos níveis de insulina sobrecarrega estes órgãos, aumentando significativamente o risco de desenvolvimento de doenças crônicas, como: diabetes, doenças cardiovasculares e disfunção hepática (CONSELHO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DA 4a REGIÃO, 2018).

Outra preocupação importante é o potencial de dependência e abuso dos níveis de insulina, pois, a busca por resultados rápidos e visíveis pode levar indivíduos a recorrerem a doses cada vez maiores do hormônio, criando um ciclo perigoso de dependência e aumentando ainda mais o risco de complicações de saúde (DIAS et al., 2017).

Acredita-se que essa prática crescente e preocupante esteja associada a riscos significativos para a saúde dos indivíduos, além de promover práticas prejudiciais de automedicação. A insulina, sendo um hormônio essencial para o controle da glicose no sangue em pessoas com diabetes, é fundamental para o metabolismo adequado da glicose e a prevenção de complicações relacionadas à doença, principalmente em pacientes portadores de diabetes tipo 2, em estado mais avançado (BIAGIO; MOREIRA; AMARAL, 2020).

A administração inadequada de insulina pode levar a episódios de hipoglicemia grave, que podem resultar em desmaios, convulsões e até mesmo coma, representando um risco imediato à vida. O uso indiscriminado de insulina para emagrecimento pode desencadear uma série de efeitos adversos, incluindo: ganho de peso, resistência à insulina, distúrbios alimentares e desequilíbrios hormonais (DIAS et al., 2017). Essas complicações podem ter impactos duradouros na saúde metabólica e geral do indivíduo, aumentando o risco do desenvolvimento de doenças crônicas.

A busca por resultados rápidos de emagrecimento pode levar as pessoas a negligenciar os riscos associados ao uso irracional de medicamentos e a se automedicarem sem orientação médica adequada. Neste contexto, é fundamental destacar a importância do farmacêutico na vigilância do uso de medicamentos, pois possui papel importante na detecção do uso irracional de medicamentos, além de orientar os pacientes sobre os riscos da automedicação e promover o uso seguro e eficaz dos tratamentos prescritos (CORTEZ et al., 2015).

Diante desse cenário, é fundamental investigar o impacto do uso indiscriminado de insulina para emagrecimento, visto que este uso é uma prática perigosa, que pode causar sérios riscos à saúde. Além disso, o excesso de insulina pode resultar em: ganho de peso, resistência à insulina e desequilíbrios metabólicos, o que contradiz o objetivo de emagrecer. Qualquer tentativa de utilizar insulina como método de emagrecimento, sem indicação médica, pode colocar a saúde em risco, reforçando a importância de práticas seguras e éticas na busca por controle de peso. Esta abordagem visa não apenas a proteção da saúde dos indivíduos, mas também, a promoção de práticas farmacêuticas responsáveis e conscientes, contribuindo para a saúde pública e a segurança dos pacientes.

METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho realizou-se uma revisão da literatura, sobre o uso indiscriminado de insulina para emagrecimento, com foco nos impactos na prática farmacêutica. Para identificar estudos relevantes, foram utilizadas bases de dados como: PubMed, Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os descritores utilizados nas buscas incluíram: “insulina”, “emagrecimento”, “uso indiscriminado”, “prática farmacêutica”, “complicações metabólicas” e “automedicação”. A análise dos dados foi conduzida de forma sistemática, com uma avaliação crítica dos artigos selecionados para a síntese das informações.

Os critérios de inclusão para os estudos selecionados foram: artigos publicados nos últimos dez anos, estudos em língua inglesa, portuguesa ou espanhola, e artigos que abordassem diretamente o uso de insulina para emagrecimento e seus impactos na saúde e na prática farmacêutica. Excluíram-se artigos que não apresentavam dados específicos, sobre o uso de insulina para emagrecimento, estudos de caso isolados sem análise aprofundada e revisões não sistemáticas da literatura.

A seleção dos 27 artigos envolveu uma triagem inicial dos títulos e resumos, seguida da leitura completa dos textos, que atenderam aos critérios de inclusão. Foram extraídas e sintetizadas informações sobre os riscos à saúde associados ao uso inadequado de insulina, a prevalência dessa prática, as consequências metabólicas e os papéis dos farmacêuticos na prevenção e educação sobre o uso seguro de medicamentos.

A formatação do trabalho foi realizada utilizando-se o manual institucional de metodologia vigente (MORAIS, 2018) na instituição, que aborda as normas da ABNT para monografias e artigos científicos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A OBESIDADE

O sobrepeso e a obesidade são condições que elevam o risco para o desenvolvimento de hipertensão e diabetes, gerando um impacto financeiro substancial no sistema de saúde. O aumento da obesidade e doenças correlacionadas resulta em despesas adicionais para os sistemas de saúde, enquanto a mortalidade prematura decorrente também gera custos econômicos ao governo. Desta forma, a prevenção destas doenças, aliada à promoção de uma alimentação equilibrada e um estilo de vida saudável, podem diminuir tanto a mortalidade, quanto os custos para o sistema de saúde pública (NILSON et al., 2020).

No Brasil, de acordo com o levantamento do Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas (VIGITEL), a taxa de obesidade subiu de 15% para 18% entre 2010 e 2014 em ambos os sexos. Esse crescimento pode ser atribuído ao aumento no consumo de alimentos industrializados e ao sedentarismo. Acompanhar a prevalência de obesidade é importante para que os gestores públicos compreendam os riscos e possam incentivar hábitos de vida saudáveis (FERREIRA; SZWARCOWALD; DAMACENA, 2019).

Os principais fatores que levam à obesidade incluem: alimentação de baixa qualidade, envelhecimento, hereditariedade, condição socioeconômica, predisposição genética, distúrbios metabólicos, influências culturais e sociais, gravidez, sono inadequado, estresse, ansiedade, desregulação hormonal, uso de medicamentos e a falta de atividade física (VARA; PACHECO, 2019).

A obesidade é conhecida como uma doença com múltiplos genes envolvidos, apresentando diversos genótipos que aumentam a predisposição ao seu desenvolvimento. Neste contexto, a epigenética nutricional é uma área importante, pois revela variações nas expressões gênicas, que afetam o metabolismo celular, como a regulação de: lipídios e glicídios. Com essa compreensão, é possível monitorar alterações biológicas e detectar disfunções hormonais, o que permite recomendações nutricionais mais personalizadas (GUASCH-FERRÉ et al., 2019).

Para determinar se alguém está com excesso de peso, é empregado o Índice de Massa Corporal (IMC), calculado dividindo-se o peso pela altura ao quadrado. A classificação é estabelecida com base nos seguintes intervalos de IMC: abaixo do peso (abaixo de 18,5); peso normal (18,5 a 24,9); sobrepeso (25 a 29,9); obesidade (30 a 34,9); obesidade severa (35 a 39,9); obesidade mórbida (acima de 40) (RIBAS FILHO; ALMEIDA, 2021).

Considerada uma condição crônica multifatorial, a obesidade envolve fatores: genéticos, endócrinos, psicológicos, psiquiátricos, sociais e ambientais. No entanto, não há consenso sobre o tratamento mais eficaz, já que os métodos tradicionais têm mostrado sucesso limitado em longo prazo, uma vez que os pacientes frequentemente recuperam o peso perdido após alguns anos, seja o tratamento clínico, cirúrgico ou dietético. Isso ressalta a necessidade de mais estudos e métodos comprovadamente eficazes, além de mais dados na literatura científica (BIAGIO; MOREIRA; AMARAL, 2020).

Ferreira, Szwarcwald e Damascena (2019), apontam que a falta de uma alimentação adequada e a ausência da prática de exercícios físicos estão entre as principais causas da obesidade. O sedentarismo e o aumento do tempo de exposição a dispositivos eletrônicos também desempenham um papel direto no aumento do número de pessoas obesas. A prevalência da obesidade no Brasil continua em ascensão, o que ressalta a importância de um monitoramento contínuo, bem como, de investimentos públicos em pesquisas e ações de saúde para lidar com essa questão.

A mortalidade associada à obesidade relaciona-se ao acúmulo excessivo de gordura corporal, que prejudica o metabolismo e favorece o surgimento de doenças crônicas, como: insuficiência renal, doenças hepáticas, problemas cardíacos, doenças respiratórias e vários tipos de câncer (AMANN; SANTOS; GIGANTE, 2019).

A obesidade também aumenta a sobrecarga metabólica, afetando o funcionamento normal dos rins e levando à deterioração gradual da função renal. Os distúrbios metabólicos ligados à obesidade desempenham um papel relevante no surgimento de lesões renais, em pessoas com excesso de peso (PEREIRA et al., 2019).

Riscos associados

Primeiramente, é importante destacar que a obesidade é um problema generalizado e multiétnico, com ocorrência em áreas de alta, média e baixa renda, especialmente em ambientes urbanos, afeta tanto homens quanto mulheres de diversas faixas etárias (WANNMACHER, 2016). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a obesidade é uma condição crônica em que ocorre o acúmulo anormal ou excessivo de gordura corporal, representando um risco à saúde (DIAS et al., 2017).

Estes riscos relacionam-se ao excesso de gordura corporal, seja ela localizada ou generalizada, sendo sua origem complexa e multifatorial, resultado da interação entre: estilo de vida, predisposição genética e fatores emocionais. Embora o índice de massa corporal (IMC) seja a medida mais comum para classificar a obesidade, ele não fornece uma avaliação precisa da distribuição de gordura corporal ou da massa magra; o IMC não aborda aspectos importantes da epidemiologia metabólica e cardiovascular moderna, como a distribuição específica da gordura corporal (SOUZA; GUEDES; BENCHIMOL, 2021).

Essa condição pode prejudicar seriamente a saúde das pessoas, desencadeando: problemas metabólicos, dificuldades respiratórias e de locomoção.

A obesidade é um importante fator de risco para uma série de doenças, incluindo: hipertensão arterial, doenças respiratórias, diabetes tipo 2, câncer, entre outras. Em muitos casos, a obesidade é resultado de uma combinação de fatores, como: o uso de certos medicamentos, predisposição genética, influências ambientais e psicológicas, além de distúrbios alimentares. No entanto, na maioria das vezes, liga-se à falta de atividade física e, principalmente, a hábitos alimentares inadequados, o que contribui significativamente para o ganho de peso (DONATO et al., 2014).

Conforme apontado pela Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde, em 2019, a taxa de obesidade no Brasil era de 26,8%, o que equivale a mais de 40 milhões de adultos, com idade superior a 18 anos (BRASIL, 2019).

É importante ressaltar que essa condição crônica não apenas afeta a saúde individual, mas também, tem um impacto significativo na saúde pública, aumentando os custos dos cuidados de saúde e prejudicando a economia do país. Isso ocorre devido à redução da produtividade local e ao aumento das despesas com o sistema de saúde. Por fim, é importante destacar que o tratamento da obesidade pode envolver uma variedade de abordagens, incluindo: mudanças na dieta, aumento da atividade física, uso de medicamentos e, em certos casos, cirurgia (RIBAS FILHO; ALMEIDA, 2021).

A Busca pelo Corpo Perfeito

O corpo é entendido como uma construção cultural, sendo valorizado e tratado conforme as normas, crenças e práticas específicas de cada sociedade. Cada cultura se expressa de maneira única por meio dos corpos, refletindo essa diversidade. A individualidade de cada pessoa, manifesta-se em seu corpo, o que contribui para sua humanidade. Ao examinar uma mesma cultura ao longo de diferentes épocas, é evidente que o ideal de beleza é moldado, modificado e reinventado, influenciando a percepção do que é considerado belo e feio (ARAUJO, 2014).

Na Grécia Antiga, embora assuntos como política e ética fossem prioritários para os filósofos da época, o corpo também era objeto de intensa discussão. A busca pelo físico ideal estava ligada à ideia de uma estrutura física saudável e capaz de realizar atividades físicas e praticar esportes. Assim, observa-se que, naquela época, o corpo ideal era caracterizado: pela força, musculatura e agilidade (SUGUIHURA, 2007).

Durante o século XX, até hoje, o corpo passou a ganhar destaque devido às novas tecnologias e comportamentos, especialmente através do uso dos meios de comunicação. No século XXI, o corpo se tornou uma mercadoria do capitalismo, pois a sociedade industrial passou a valorizar excessivamente um novo padrão de beleza, quase que impondo-o como uma exigência, para a inclusão na sociedade, transformando tudo em mercadoria (CASSIMIRO; GALDINO; SÁ, 2015).

Conforme Knopp (2018), a mídia e a indústria da “corpolaria” promovem um discurso que constantemente lembra que: beleza, saúde, potência, sedução e sucesso são inseparáveis e que não se pode viver sem esses elementos. Padrões estéticos inatingíveis se tornam essenciais para o bem-estar e a felicidade. Ser jovem, estar atualizado com os ritmos da moda, vestir-se bem e frequentar academias são algumas das expectativas, que são inseridas no contexto social atual.

Por isso, a busca pelo corpo escultural se tornou um fenômeno cada vez mais frequente na sociedade contemporânea, especialmente nas culturas ocidentais, em que a aparência física é frequentemente associada à prosperidade e ao bem-estar. Muitas pessoas se esforçam para alcançar o que consideram ser o “corpo perfeito”, seja através de dietas restritivas, exercícios extenuantes, medicamentos ou cirurgias plásticas (SCHMITT, 2013).

De acordo com Azevedo (2017), atualmente há um aumento constante e incansável na busca pelo corpo perfeito. Muitas pessoas ultrapassam seus limites na tentativa de alcançar esse ideal e adotam a ideia de obter uma aparência de “modelo” estabelecida pela mídia, que valoriza um corpo esbelto e magro, muitas vezes em detrimento da própria saúde.

Conseqüentemente, em muitos casos, as pessoas que buscam um corpo perfeito acabam adotando comportamentos que comprometem sua própria saúde, optando por métodos que prometem resultados rápidos e com o mínimo esforço, sem considerar as possíveis conseqüências (ARAUJO, 2014).

A busca incessante pelo corpo perfeito pode, paradoxalmente, levar ao desenvolvimento de problemas de saúde, como a obesidade, especialmente quando as tentativas de se adequar aos padrões de beleza envolvem hábitos insalubres. Muitas pessoas recorrem a dietas restritivas e regimes exaustivos que, quando interrompidos, resultam em um ciclo de ganho de peso e perda de controle sobre a alimentação. A obesidade, portanto, emerge como um reflexo dessa pressão social por uma aparência específica, já que a frustração e a ansiedade associadas ao fracasso em atingir o corpo ideal podem levar a comportamentos alimentares desordenados. Ao focar excessivamente em um padrão inalcançável, a saúde acaba sendo negligenciada, e o próprio objetivo inicial de bem-estar é perdido (ARAUJO, 2014; AZEVEDO, 2017).

O Uso Indiscriminado de Insulina no Emagrecimento e o Papel do Farmacêutico na Prevenção

O uso indiscriminado de insulina para fins de emagrecimento tem se tornado uma prática cada vez mais preocupante. Inicialmente destinada ao tratamento do diabetes, a insulina é utilizada de forma inadequada, muitas vezes sem prescrição médica, em busca de um corpo esteticamente idealizado. Essa prática, além de expor os indivíduos a riscos graves, reflete a forte influência de padrões estéticos disseminados pela mídia, que associam um corpo magro ao sucesso e à saúde (AZEVEDO, 2017).

A insulina é um hormônio essencial para o controle dos níveis de glicose no sangue, e seu uso inadequado pode causar complicações metabólicas severas. Entre as mais graves está a hipoglicemia, que pode causar tremores, convulsões e até coma. O uso indevido pode gerar resistência à insulina, o que aumenta o risco de desenvolvimento de diabetes tipo 2, mesmo em indivíduos que não são diabéticos (SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2019).

O uso da insulina, associada a hábitos de vida saudáveis como: prática regular de exercícios e alimentação equilibrada, é eficaz no processo de emagrecimento, isso se deve ao papel da insulina na regulação do metabolismo de glicose e lipídios. Entretanto, é essencial que seu uso seja supervisionado para evitar riscos associados a dosagens inadequadas e efeitos adversos potencialmente graves (SILVA et al., 2023).

O controle contínuo do uso da insulina permite identificar possíveis abusos, especialmente quando o medicamento é utilizado sem prescrição médica, prática comum entre aqueles que buscam emagrecer de forma rápida. Neste sentido, a regulamentação rigorosa do uso e venda de insulina é fundamental para impedir o fácil acesso a essa substância por indivíduos que não necessitam de seu uso terapêutico (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

Diante disso Aurora (2019), afirma que os farmacêuticos desempenham um papel importante na prevenção do uso inadequado de insulina. Como profissionais de saúde acessíveis, estes estão em posição de oferecer orientações sobre o uso correto dos medicamentos e de identificar sinais de uso indevido. Os farmacêuticos podem educar os pacientes sobre os riscos do uso indiscriminado, garantindo que a insulina seja utilizada de maneira segura e eficaz, sempre com indicação médica.

O farmacêutico participa de forma efetiva na educação da população sobre métodos saudáveis e seguros de emagrecimento. Esta atuação deve incluir: campanhas de conscientização sobre a importância de métodos seguros de emagrecimento, promovendo hábitos saudáveis, como alimentação equilibrada e a prática de atividades físicas, em vez do uso inadequado de medicamentos (CONSELHO REGIONAL DE EDUCAÇÃO, 2018).

Como aponta Knopp (2018), a pressão por um corpo perfeito, exacerbada pela mídia e pelas redes sociais, tem levado muitas pessoas a recorrerem a soluções rápidas e perigosas, como o uso indiscriminado de insulina. Neste contexto, o papel do farmacêutico vai além da dispensação de medicamentos, abrangendo também, a orientação sobre os perigos de seguir modismos de emagrecimento que não possuem respaldo científico e que podem comprometer seriamente a saúde.

O uso inadequado de insulina pode causar complicações não apenas metabólicas, mas também orgânicas. O fígado, os rins e o coração são particularmente vulneráveis ao uso excessivo e desnecessário de insulina. Quando administrada em doses inadequadas, o medicamento pode provocar cetoacidose diabética, uma emergência médica que causa desidratação severa e pode levar à insuficiência renal. A intervenção farmacêutica é importante para evitar essas complicações, educando e monitorando o uso correto da medicação (CORTEZ et al., 2015).

A identificação precoce de indivíduos que utilizam insulina de maneira inadequada é uma das principais responsabilidades dos farmacêuticos. Ao reconhecer sinais de abuso, o farmacêutico pode encaminhar o paciente para um médico especialista, garantindo um tratamento adequado. O controle rigoroso da dispensação de insulina, com base em prescrições médicas, é uma estratégia eficaz para prevenir o uso indevido e os riscos associados (AURORA, 2019).

Os farmacêuticos também são responsáveis pela promoção da saúde pública, pois através de suas práticas preventivas e educativas, contribuem para a diminuição dos casos de uso indiscriminado de insulina e adoção de práticas seguras de emagrecimento. O uso consciente de medicamentos deve ser uma prioridade, e estes profissionais desempenham um papel central na detecção de problemas relacionados com medicamentos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências apresentadas neste estudo destacam os riscos significativos associados, ao uso indiscriminado de insulina para fins de emagrecimento, reforçando a importância de uma atuação eficaz do farmacêutico na prevenção dessa prática. A insulina, sendo um hormônio crucial para o controle glicêmico, quando utilizada de forma inadequada, pode provocar complicações metabólicas graves, incluindo: hipoglicemia severa, resistência à insulina e danos a órgãos vitais, fígado, rins e coração. Além disso, essa prática está amplamente relacionada à pressão social por padrões estéticos inatingíveis, que impulsionam o uso irracional de medicamentos como solução rápida para perda de peso.

Os resultados da revisão evidenciam que o farmacêutico desempenha fundamental importância não apenas na dispensação segura de insulina, mas também, na orientação e educação da população sobre os perigos de seu uso inadequado. Estratégias educacionais que promovam a conscientização sobre os riscos à saúde associados à automedicação, especialmente no contexto da busca por emagrecimento, são essenciais para combater o problema. Neste sentido: campanhas preventivas e programas de educação em saúde devem ser fortalecidos, envolvendo os farmacêuticos como agentes de mudança.

O combate ao uso indiscriminado de insulina para fins de emagrecimento deve ser uma prioridade nas políticas públicas de saúde, e os farmacêuticos, em sua função educacional e preventiva, têm a responsabilidade de alertar e orientar a população sobre os riscos. O uso racional de medicamentos, associado à adoção de hábitos de vida saudáveis, como: alimentação equilibrada e prática regular de atividades físicas, constituem a abordagem mais segura e eficaz para a manutenção da saúde e bem-estar.

Depreende-se que, o fortalecimento da atuação farmacêutica no controle e prevenção do uso inadequado de insulina é fundamental para garantir a segurança dos pacientes e promover uma cultura de saúde baseada em práticas responsáveis.

REFERÊNCIAS

AMANN, V. R.; SANTOS, L. P. DOS; GIGANTE, D. P. Associação entre excesso de peso e obesidade e mortalidade em capitais brasileiras e províncias argentinas.

Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 35, n. 12, e00192518, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00192518>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

ARAUJO, J. L. de. O corpo estético na sociedade: a influência da propaganda e da mídia. **Revista EFDeportes**. 18, n. 189, 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd189/o-corpo-estetico-na-sociedade.htm>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

AURORA, S.; GROSSI, A.; PASCALI, P. Cuidados de Enfermagem em Diabetes Mellitus. **Revista de Enfermagem da Sociedade Brasileira de Diabetes**. 2019. Disponível em: https://www.saudedireta.com.br/docsupload/13403686111118_1324_manual_enfermagem.pdf. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

AZEVEDO, S. N. de. Em busca do corpo perfeito: um estudo do narcisismo. **Centro Reichiano**, 2017. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/artigos/Artigos/AZEVEDO,%20Shirlaine%20-%20Em%20busca%20do%20corpo%20perfeito.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

BIAGIO, L. D.; MOREIRA, P.; AMARAL, C. K. Comportamento alimentar em obesos e sua correlação com o tratamento nutricional. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 3, p. 171-178, julho de 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000280>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Saúde**. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

CASSIMIRO, É. S; GALDINO, F. F. S; SÁ, G. M. de. As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia Antiga à contemporaneidade. **Revista Print By**, n.14, 2015. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2/repositorio/File/revistametanoia/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

CONSELHO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DA 4a REGIÃO Somos Nós, Fortalecendo A Prof CREF4/SP **Coleção Exercício Físico E Saúde**, V. 2. 2018. Disponível em: <https://www.crefsp.gov.br/storage/app/arquivos/516bba8dbe1728d44183c46a20da8698.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

CORTEZ, D. N; REIS, I. A, SOUZA, D. A.S; MACEDO, M. M. L; TORRES, H. C. Identifying the effects of children on family relationships: **Identificação dos efeitos dos filhos nas relações familiares**, 2015 [s. d.]. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ape/v27n4/en_1982-0194-ape-027-004-0385.pdf. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

DIAS, P. C. et al. Obesidade e políticas públicas: concepções e estratégias adotadas pelo governo brasileiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 7, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/fj/csp/a/Q7r6YWwJSR5GZ9bJFBr6ckm/?lang=pt>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

DIRETRIZES, **Sociedade Brasileira de Diabetes** 2019-2020, 2020. Disponível em: <https://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/Diretrizes-Sociedade-Brasileira-de-Diabetes-2019-2020.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

DONATO, A. et al. Obesidade: **Anorexia, bulimia e obesidade**. Barueri: *Manole*, 2014. Disponível em: <https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/acervo/168978>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

FERREIRA, A. P. S.; SZWARCOWALD, C. L.; DAMACENA, G. N. Prevalência e fatores associados da obesidade na população brasileira: estudo com dados aferidos da Pesquisa Nacional de Saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 1-14, abril de 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190024>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

GUASCH-FERRÉ, M; BHUPATHIRAJU, S. N.; HU, F. B. Uso da metabólômica para melhorar a avaliação da ingestão alimentar. **Química Clínica**, v. 64, n. 1, pág. 82-98, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29038146/>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

KNOPP, G. da C. A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea. **IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2018. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2008/14415.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE BRÁSILIA -DF 2015. **Uso racional de medicamentos temas selecionados**. 2015. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvsv/publicacoes/uso_racional_medicamentos_temas_sel_eccionados.pdf. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

MORAIS, A. A. F. de (Coord.) et. al. **Manual de trabalhos acadêmicos do IESRIVER**. Rio Verde: Instituto de Ensino Superior de Rio Verde, 2018.

NILSON, E. A. F., ANDRADE, R. D. C. S., BRITO, D. A. D., & OLIVEIRA, M. L. D. Custos atribuíveis a obesidade, hipertensão e diabetes no Sistema Único de Saúde, Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, 44, e32, 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/2020.v44/e32/pt>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

PEREIRA, G. A. L., DE SOUZA MOTA, L. G., CAPERUTO, É. C., & CHAUD, D. M. A. Adesão de dietas de moda por frequentadores de academias de musculação do município de São Paulo. **RBNE-Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, 13(77), 131-136, 2019. Disponível em: <https://www.rbne.com.br/index.php/rbne/article/view/1268>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

RIBAS FILHO, D; ALMEIDA, C. A. N. de. **Livro-texto de obesidade: uma visão clínica e abrangente da ABRAN**. Santana de Parnaíba: Manole, 2021. Disponível em: Disponível em: <https://hspe.phl.bib.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl8/003.xis&cipar=phl8.cip&bool=e xp&opc=decorado&exp=OBESIDADE/CRIANCAS&code=&lang=por>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

SCHMITT, S. A mídia e a ilusão do tão desejado “corpo perfeito”. **Revista Luso- Brasileira de Psicologia**, 2013. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0693.pdf> . Acesso em: 20 de setembro de 2024.

SILVA, S. A. A. da; CAVALCANTI, J. V. C.; CAVALCANTI, D. R.; SOUZA NETO, A. G. de; BENTO, G. do N.; ALVARES, E. B. de S. O.; SILVA, M. P. de F.; DIAS, D. R. F. de L.; SILVA, R. R. da; CAVALCANTI, D. R. A utilização da insulina nos processos metabólicos de emagrecimento. **Estudos e Escrita Científica Multidisciplinar em Ciências da Saúde - Volume 2**, p. 31–40, 2023. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/231114970.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

SOUZA, L. L. de; GUEDES, E. P; BENCHIMOL, A. **Definições antropométricas da obesidade. In: Tratado de obesidade**. 3ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021, Disponível em: https://www.academia.edu/50584199/Tratado_de_Obesidade_2a_edic_a_o Acesso em: 20 de setembro de 2024.

SOUZA, T. C. Envolvimento da inflamação subclínica e do estresse oxidativo na resistência à insulina associada a obesidade. **HU Rev. (Online)**. p. 211–220, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1047971>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

SUGUIHURA, F. M. Mito e Beleza: a estatuária grega na revista Educação Physica. **Revista Pro-Posições**, v. 18, n. 1,2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643586/11107>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

VARA, M. F. F.; PACHECO. T. **Educação física e populações especiais**. Curitiba: Inter Saberes, 2019.

WANNMACHER, L. **Obesidade como fator de risco para morbidade e mortalidade: evidências sobre o manejo com medidas não medicamentosas**. OPAS/OMS –Representação Brasil. v. 1, n.7,2016, Disponível em: https://www.rets.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/biblioteca/009uso_rmfasciculo_7.pdf. Acesso em: 20 de setembro de 2024.